

SILVIO ESSINGER
silvio.essinger@oglobo.com.br

A decisão do cantor e guitarrista Max Cavalera e do seu irmão, o baterista Iggro, de sair em turnê para celebrar os 20 anos do álbum "Roots" (o show carioca aconteceu mês passado, no Imperator), da banda Sepultura, que fundaram e da qual se demitiram, não incomodou particularmente o guitarrista Andreas Kisser, que gravou com a dupla aquele disco, em 1996, e que hoje leva adiante o grupo junto com o baixista Paulo Jr., o vocalista Derrick Green e o baterista Eloy Casagrande.

— Para eles, eu não sei, mas para o Sepultura, isso seria uma perda de tempo — disse ele, às voltas com o lançamento, ocorrido ontem, de "Machine messiah", o 14º disco de inéditas da banda. — O "Roots" é um disco fantástico, que influenciou muitas bandas. Mas esse novo mostra o que somos hoje. Estamos sempre experimentando, buscando influências novas. Queremos levar o Sepultura a um outro patamar.

Terceiro álbum do Sepultura pelo selo alemão Nuclear Blast, "Machine messiah" foi gravado na Suécia com o produtor Jens Bogren (de discos de Opheth, Kreator, Soilwork e Paradise Lost).

— É um tipo de disco que nunca tínhamos feito, tivemos que nos preparar física e musicalmente para gravá-lo — explica Kisser, que passou por uma longa pré-produção com a banda, no Brasil, antes de embarcar para as gravações. — Fizemos um disco pensando nos tempos do vinil, onde cabiam no máximo dez músicas. Compusemos faixas especialmente para abrir os lados A (a que dá título ao disco) e B (a épica "Sworn oath"). É um disco *old school*, mas com música moderna.

FORMAÇÃO ESTABILIZADA

Cheio de detalhes, que vão da arte da capa (da artista filipina Camille Della Rosa) à escolha de estilos musicais, "Machine messiah" é a consagração da formação que inclui Casagrande (há cinco anos no grupo) e Green, que em 2017 completa 20 anos de Sepultura (ele foi o substituto de Max Cavalera).

— Perder o Max foi o maior baque da nossa carreira, porque deixamos para trás tudo que havíamos conquistado em dez anos. Ele saiu no meio da turnê do "Roots", o que foi muito inoportuno. Em 2006, o Iggro saiu também, mas nunca paramos — diz Kisser, participante ativo de "Sepultura, o filme", documentário oficial da banda, dirigido por Otavio Juliano, que estreia em abril (e sai em busca dos festivais internacionais de cinema), com produção da Interface Filmes e distribuição da O2. Juliano passou seis anos dedicado às filmagens. Nesse período, acompanhou a banda por cinco continentes.

— Fizemos entrevistas com Scott Ian (*Anthrax*), Phil Anselmo (*Pantera*), membros do Slipknot, Motörhead e Megadeth... O doc vai das origens em Belo Horizonte até o momento atual. E conta com o show dos 30 anos de carreira gravado em São Paulo exclusivo para o filme — relata o diretor, que não contou com a colaboração dos irmãos Cavalera. — Honestamente, me dediquei mil por cento para realizar um doc completo mesmo sem os dois. Não ter a participação deles foi um desafio.

— Não é um filme para ficar lavando roupa suja. (*Os últimos 20 anos*) foram de reconstrução, crescemos no palco, viajamos muito e seguimos trabalhando. Ficamos longe desse embate — assegura Kisser. ●

Sepultura em CD e filme HISTÓRIA QUE CONTINUA

Banda lança o inédito 'Machine messiah' e celebra em documentário a sobrevida 20 anos após saída de Max Cavalera



Em 2017.
Eloy (à esquerda),
Paulo, Derrick e
Andreas: disco
gravado na Suécia

Máquina azeitada e ainda relevante

Disco

Crítica

"MACHINE MESSIAH"
SEPULTURA
COTAÇÃO: Bom



PEDRO SÓ

Especial para O GLOBO
segundocaderno@oglobo.com.br

O Sepultura chega aos 32 anos de carreira vencendo o desafio de se manter relevante. O nome do disco faz referência à dependência moderna de *gadgets* e à subordinação humana a inteligências artificiais. Os fãs de prog, porém, hão de lembrar que o título é o mesmo de uma faixa de dez minutos do Yes (gravada no LP "Drama", de 1980). Coincidentemente ou não, o quarteto brasileiro investe em estruturas progressivas em algumas faixas, sem deixar de atender ao assalto sonoro que faz parte de seu DNA. Mesmo ouvidos alienígenas ao metal hão de encontrar prazer e inventividade: a instrumental "Iceberg dances", por exemplo, pode entrar direto naquele playlist "ecclético" de corrida, fornecendo propulsão imediata e um rico desdobramento no arranjo com violão flamenco e órgão suingado.

Concebido como um disco de vinil, o trabalho mostra o que tem de mais ambicioso na música escalada para abrir o presumível lado B, "Sworn oath". Andreas Kisser constrói um épico sombrio e encontra no baterista Eloy Casagrande um inspirado e sofisticado parceiro musical. Igualmente poderosa, "Phantom self", abre alas que precedeu o lançamento do disco, tem violinos da Tunísia, por sugestão do produtor suéco Jens Bogren (de bandas como Opheth e Kreator). Mas vai ficar marcada por honrar a tradição do Sepultura na fusão com ritmos brasileiros, decolando a partir de um maracatu pós-atômico.

THRASH ORTODOXO

Outra surpresa boa: Derrick Green canta com sua voz "de verdade" na faixa-título. E a fúria total de pauladas como "I am the enemy" vai atender aos carentes de thrash ortodoxo.

Eventuais queixumes sobre a ausência dos irmãos Cavalera não fazem mais sentido — até porque o Max de hoje tem pouco do Max de outras eras, e Eloy Casagrande se mostra cada vez mais monstro. O Sepultura de hoje mantém o tutano de sua honrosa trajetória, um saboroso dark mocotó. ●

VETERANAS DO PÓS-PUNK PAULISTANO TOCAM NO CIRCO VOADOR

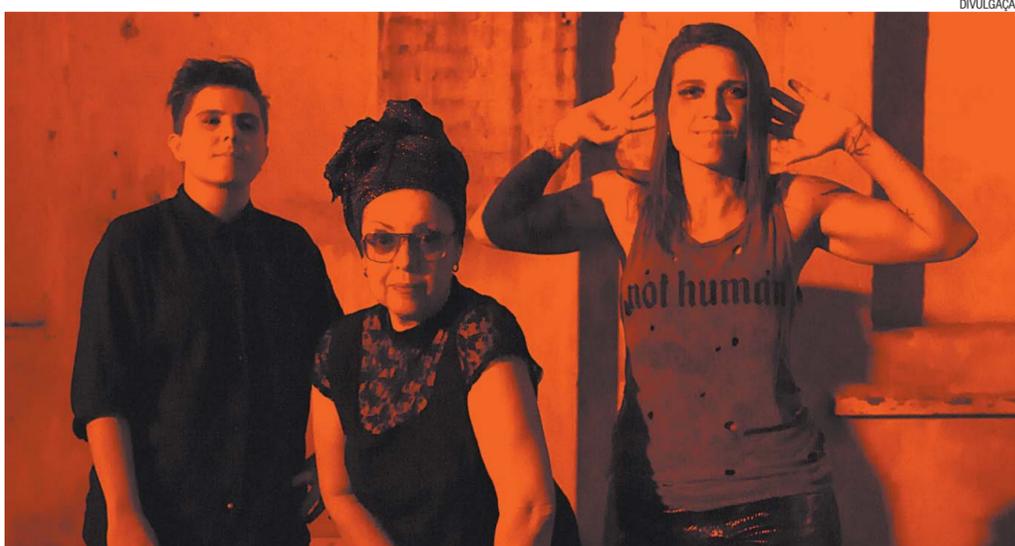
As Mercenárias abrem para o Metá Metá hoje, em sua segunda apresentação no Rio

MILENA COPPI
milena.costa@infoglobo.com.br

Criada em 1982, As Mercenárias é uma banda paulistana de pós-punk formada por mulheres que fez sucesso na cena nacional nos anos 1980. Após um hiato de 14 anos e algumas mudanças na formação inicial — que já teve Edgard Scandurra, do Ira!, na bateria —, Sandra Coutinho (vocal e baixo), Michelle Abu (bateria) e Mari Crestani (guitarra) retornam ao Rio hoje para se apresentarem pela segunda vez. O show será no Circo Voador, abrindo para o trio Metá Metá.

— As pessoas ainda correm atrás dos nossos shows, e eu acabo cedendo. Já estou cedendo há uns 11 ou 12 anos — contou Sandra, única integrante da banda que permaneceu desde a primeira formação. — E, quer dizer, já passaram tantas pessoas pela banda que às vezes me pergunto se ainda aguento. Mas sempre mudo de ideia.

Apesar dos anos de estrada, a primeira apresentação do grupo no Rio foi apenas em julho do ano passado. O show aconteceu no palco do Subúrbio Alternativo, casa de shows em Brás de Pina, na Zona Norte da cidade, que dedica sua programação exclusivamente



Poder feminino. Sandra Coutinho, entre Michelle Abu e Mari Crestani: trio reúne influências do pós-punk inglês e do krautrock alemão

OUÇA AS MERCENÁRIAS TOCANDO A MÚSICA "POLÍCIA"

Show terá canções dos discos "Cadê as armas", de 1986, e "Trashland", de 1988
oglobo.com.br/cultura

a apresentações de bandas de rock. — É sempre interessante a troca com o público, ainda mais para verem as mulheres lá em cima. Ainda é importante estar lá, mostrando a nossa força. Porque se a gente pode, elas também podem. É uma questão de representatividade — declarou a baixista.

Dona da canção "Me perco nesse tempo", que inclusive integra o repertório dos shows do Metá Metá, a banda retine influências do pós-punk inglês e do krautrock alemão. Com apenas dois discos — "Cadê as armas", de 1986, e "Trashland", de 1988 —, as Mercenárias contemplam em suas músicas temas que retratam opressões do estado e instituições tradicionais de sua época, mas que continuam atuais, como "Polícia", que antes mesmo da canção homônima dos Titãs contestou a questão da repressão policial.

— Sempre focamos nos problemas políticos e em temas existenciais, como amor e solidão. Essas contradições, e

como a gente se relaciona com o mundo, são os temas principais de nossas músicas — declarou Sandra. — É importante que antes de contestar um golpe, a gente perceba se não estamos dando um golpe também.

Sobre os novos rumos da banda, Sandra revela que os 14 anos em que viveu na Alemanha, período do hiato do grupo, só influenciaram sua vontade de tentar coisas novas:

— Eu começo a estudar o baixo e acabo criando. Tenho muita coisa minha guardada, com vontade de fazer. De repente, a gente começa a criar alguma coisa neste ano.

"É HORA DE TENTARMOS COISAS NOVAS"

Apesar de muitas mulheres no atual cenário musical brasileiro praticarem ritmos muito distantes do rock, como o sertanejo, que tem um grande número de cantoras em ascensão, Sandra não acredita na morte do gênero.

— O rock é sonoridade e rebeldia. E o mais legal é que posso ser rebelde sem ser uma adolescente, o que é muito mais profundo — afirmou ela. — Depois de ter experimentado quase tudo, as coisas soam melhores. Eu não acredito na sua morte, só penso que as coisas simplesmente ficam antigas e é hora de tentarmos coisas novas. ●

METÁ METÁ E AS MERCENÁRIAS

ONDE: Circo Voador — Rua dos Arcos s/nº, Lapa (2533-0354). QUANDO: Hoje, às 22h. QUANTO: R\$ 80. CLASSIFICAÇÃO: 18 anos.